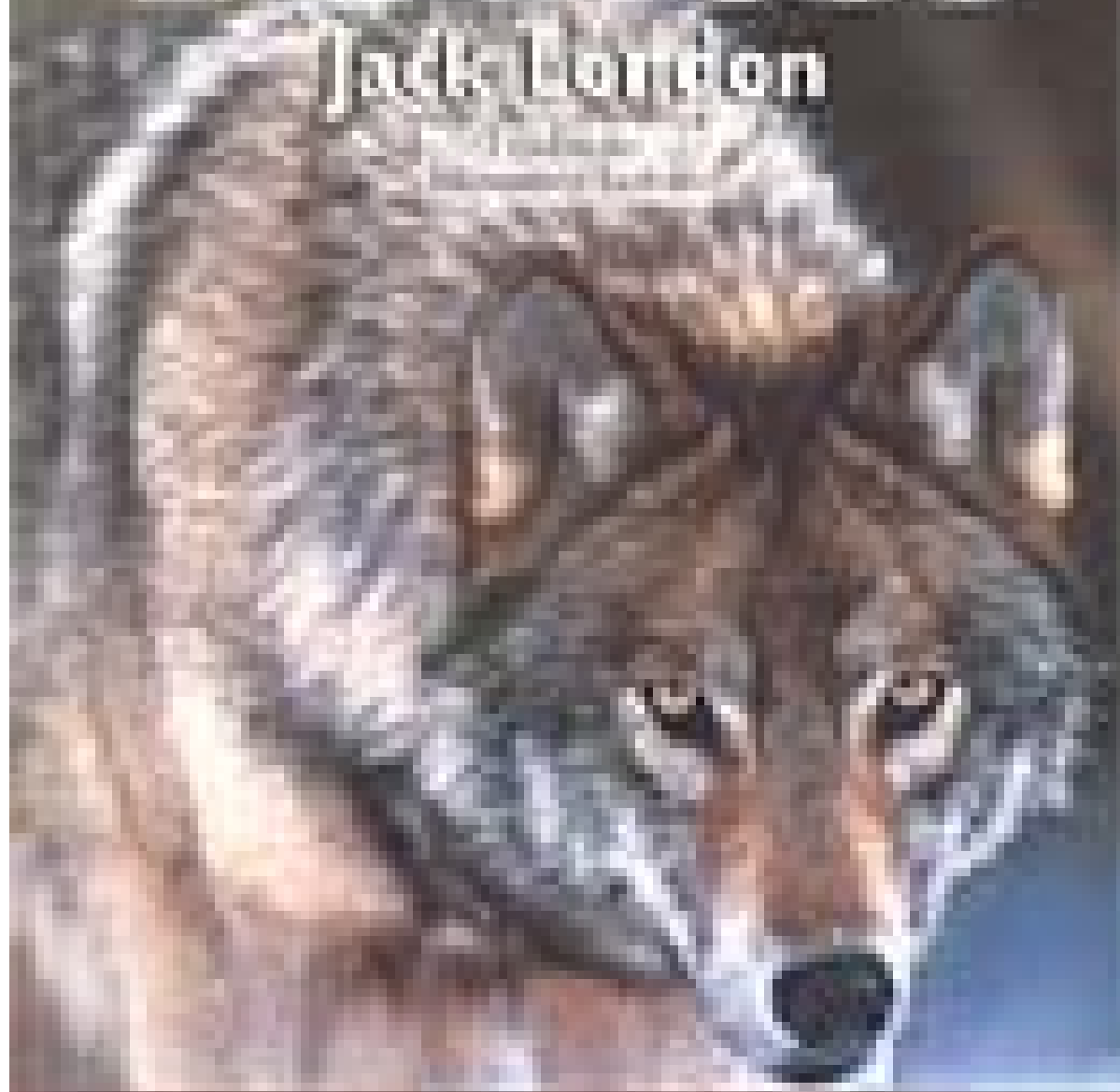


CANINOS BRANCOS

Jack London



BRUNO LAZZARINI EDITORE

Parte 1

CAPÍTULO 1 - NO RASTRO DA CARNE

A floresta de abetos escuros orlava ambos os lados do gelado curso de água. Um vento recente arrancara das árvores o seu manto de geada, e elas pareciam inclinar-se umas para as outras, negras e agourentas, na luz agonizante. Reinava sobre a paisagem um silêncio imenso. Aquela região era desolada, sem vida, sem movimento, tão só e gelada que a palavra tristeza não chegava para descrevê-la. Havia nela uma sugestão de riso, mas de um riso mais terrível que qualquer tristeza - um riso sem alegria, como o sorriso da esfinge, um riso frio como o gelo e com algo do horror da infalibilidade. Era a sabedoria despótica e incomunicável do riso eterno perante a futilidade e os esforços da vida. Era a terra ártica, agreste e gelada.

Mas havia ali vida, vida disposta a arrostar aquela natureza bravia. Pelo gelado curso de água avançava lentamente uma fileira de cães-lobos. O seu pêlo hirsuto estava coberto de gelo. A respiração dos animais, tão depressa lhes saía das bocas, transformava-se em cristais gelados que lhes pousavam sobre o pêlo. Os arreios dos cães eram de couro, tal como os tirantes que os prendiam ao trenó por eles arrastado. O veículo, feito de resistente casca de vidoeiro, não tinha patins, assentando, por isso, sobre a neve toda a sua superfície. A extremidade anterior estava virada para cima, como um rolo de papel, de forma a empurrar a neve macia que ia crescendo, qual onda, diante dele. Sobre o trenó, solidamente amarrada, via-se uma comprida e estreita caixa oblonga, além de outras coisas, tais como cobertores, um machado, uma cafeteira e uma frigideira. Mas o que ocupava a maior parte do espaço, sobressaindo de tudo o mais, era a comprida e estreita caixa oblonga.

À frente dos cães, com grandes sapatos de neve, avançava penosamente um homem, e atrás do trenó seguia outro. Sobre o veículo, dentro da caixa, jazia um terceiro homem cujo caminhar já cessara - um homem a quem o selvagem ártico vencera e aniquilara e que jamais voltaria a mover-se ou a lutar. O ártico não gosta de movimento. A vida é uma ofensa para ele, porque a vida é movimento, e ele procura sempre destruir o movimento. Gela a água para impedi-la de correr para o mar, suga a seiva das árvores até lhes gelar o vigoroso coração e, mais feroz e terrivelmente ainda, acoessa e esmaga o homem, submetendo-o - o Homem, em quem a vida se mostra sempre mais irrequieta, sempre em revolta contra a sentença de que todo o movimento tem, por fim, de cessar.

Mas, à frente e atrás, destemidos e indomáveis, labutavam os dois homens que ainda não estavam mortos. Iam vestidos de peles e couro macio. As pestanas, as faces e os lábios estavam tão cobertos com os gelados cristais produzidos pela respiração, que não se distinguiam os rostos. Isto dava-lhes a aparência de máscaras fantasmagóricas, encarregadas do funeral de um espírito qualquer, num mundo spectral. No entanto, eram apenas homens que penetravam nas paragens onde só reinam a solidão, a irrisão, o silêncio. Aventureiros insignificantes, empenhados numa aventura colossal, opondo-se à força de um mundo tão remoto, hostil e inanimado como os abismos do espaço.

Avançavam sem trocarem palavra, poupando o fôlego para os trabalhos que tinham de enfrentar. Rodeava-os o silêncio, tiranizando-os com a sua presença tangível, ele abalava-lhes o espírito, tal como a pressão das águas profundas afeta o

corpo do mergulhador, oprimia-os com o peso de uma vastidão infinita e de uma lei inalterável, esmagava-os até o recôndito mais remoto da alma, extraindo-lhes, como se fora o sumo da uva, todos os ardores e exaltações efêmeras e a auto-estima excessiva dos seres humanos, até eles compreenderem a pequenez e caducidade das suas próprias pessoas, meras partículas e moléculas movendo-se com inútil astúcia e fraca visão contra a ação conjunta de forças e elementos cegos e temerosos.

Uma hora se passou, e outra ainda. A luz pálida de um dia curto e sem sol começava a extinguir-se quando um grito distante e fraco soou no ar tranqüilo. Elevou-se rapidamente até atingir a sua nota máxima, que ficou retinindo, palpitante e tensa, e depois foi se extinguindo lentamente. Podia tomar-se pelo lamento de uma alma perdida, se não houvesse nele certo tom de ferocidade triste e de avidez esfomeada.

O homem da frente voltou a cabeça até os seus olhos encontrarem os do companheiro da retaguarda. E então, por cima do estreito caixão oblongo, acenaram com a cabeça um para o outro.

Um segundo grito se ergueu no ar, e dir-se-ia que uma agulha perfurava o silêncio. Ambos os homens localizaram o som. Vinha da retaguarda, de algum lugar na vastidão nevada que eles tinham acabado de percorrer. Um terceiro grito se elevou em resposta, também à retaguarda e para a esquerda do segundo.

- Eles nos vêm no encalço, Bill - disse o homem da frente.

A voz dele soou rouca e irreal, e era evidente o esforço que fizera para falar.

- A carne não abunda - respondeu o seu camarada. - Há dias que não avisto sinal de um coelho sequer.

Depois disto não falaram mais, embora se mantivessem à escuta dos uivos que continuavam a repetir-se por trás deles.

Ao cair da noite dirigiram os cães para um aglomerado de abetos, na orla do curso de água, e armaram um acampamento. O caixão, colocado ao lado do fogo, serviu de assento e de mesa. Os cães-lobos, reunidos na extremidade da fogueira, rosnavam e disputavam entre si, mas não mostravam inclinação para fugirem e embrenharem-se na escuridão.

- Acho que se conservam muito próximo do acampamento - comentou Bill

Henry, que estava de Cócoras ao pé do fogo e calçava a cafeteira com um pedaço de gelo, abanou a cabeça num assentimento. Só falou depois de se sentar no caixão e começar a comer.

- Eles sabem onde estão em segurança - disse. - Preferem comer a ser comidos. São espertos, esses cães.

Bill abanou a cabeça.

- Oh, não sei...

O seu camarada olhou-o com curiosidade:

- É a primeira vez que te ouço dizer que eles não são espertos.

- Henry - inquiriu o Outro, mastigando com afinco os feijões -, reparou por acaso como os cães rosnavam, quando lhes dei de comer?

- Estavam mais inquietos que de costume - concordou o interpelado.

- Quantos cães temos, Henry?

- Seis.

- Pois bem... - Bill deteve-se um momento para que as suas palavras pudessem ganhar mais significado. - Como ia dizendo, nós só temos seis cães. Tirei seis peixes

do saco. Dei um a cada cão, e no fim faltou-me um peixe.

- Contou errado.

- Temos seis cães - repetiu o outro calmamente. - Tirei seis peixes. O Orelha Só ficou sem peixe. Voltei depois ao saco buscar um peixe para ele.

- Só temos seis cães - insistiu o companheiro.

- Henry - continuou Bill -, não quero dizer que fossem todos os cães, mas dei peixe a sete.

Henry parou de comer para, por cima do fogo, contar os cães com o olhar.

- Só estão seis agora - declarou.

- Vi o outro fugir pela neve - afirmou Bill com fria segurança. - Eram sete.

O companheiro olhou para ele com ar de comiseração e exclamou:

- Oxalá esta viagem termine depressa!

- Que quer dizer com isso? - perguntou Bill.

- Quero dizer que a carga que transportamos está abalando seus nervos, e começa a ver coisas demais.

- Também pensei assim - retorquiu Bill gravemente. - E por isso, quando ele escapava através da neve, fui-lhe no encalço e vi-lhe as pegadas. Depois tornei a contar os cães, e os seis estavam aqui. As pegadas ainda se encontram na neve. Não quer ir ver? Eu vou mostrá-las.

Henry não respondeu e continuou a mastigar em silêncio até que, terminada a refeição, a coroou com uma última xícara de café. Limpou a boca com as costas da mão e disse:

- Pense então que era... - Um uivo longo e lamentoso, vindo de algum lugar, na escuridão, interrompeu-o. Calou-se para escutar e depois terminou a frase, acenando com a mão na direção do som... - um deles?

Bill abanou afirmativamente a cabeça.

- Acho que sim. Você viu a algazarra que os cães fizeram.

Os uivos sucediam-se e estavam transformando o silêncio num pandemônio. Erguiam-se de todos os lados, e os cães denunciavam o medo que os possuía, apertando-se uns contra os outros e tão próximo da fogueira que o calor lhes chamuscava o pêlo. Bill atirou para lá mais lenha antes de acender o cachimbo.

- Parece que você está um pouco desanimado - proferiu o companheiro.

- Henry... - Sorveu pensativamente o cachimbo durante algum tempo antes de prosseguir. - Henry, estava pensando que ele tem muito mais sorte do que você e eu jamais teremos algum dia.

Com o polegar espetado para baixo indicava o caixão sobre o qual estavam sentados.

- Você e eu, Henry, quando morreremos, já teremos muita sorte se cobrirem as nossas carcaças de pedras suficientes para que os cães nos não descubram.

- Mas nós não temos família, nem dinheiro, nem nada do que ele tinha - replicou Henry.

- Não podemos nos dar ao luxo de funerais a longa distância.

- O que mais me espanta, Henry, é Como um tipo de categoria, um lorde ou coisa que o valha, lá no seu país, que nunca teve de se preocupar com a alimentação nem com o vestuário, vem para estes confins do mundo esquecido de Deus! É uma coisa que me não entra na cabeça.

- Podia ter morrido de velho, se não houvesse saído da sua terra - concordou

Henry.

Bili abriu a boca para falar, mas mudou de idéia. Em vez disso apontou para a muralha de trevas que os cercava por todos os lados. Não conseguia distinguir-se forma alguma naquela escuridão total, via-se apenas um par de olhos brilhando como carvões em brasa. Com um movimento de cabeça Henry indicou um segundo par e um terceiro. Em redor do acampamento tinha-se formado um círculo de olhos brilhantes. De vez em quando um par deles mexia-se ou desaparecia, para aparecer de novo, um momento depois.

O desassossego dos cães aumentava, e, tomados de medo súbito, eles aproximaram-se ainda mais do fogo, encolhendo-se de susto e rastejando à volta das pernas dos homens. Na confusão, um dos cães caiu à beira do fogo e ganiu de medo e dor, e o cheiro do seu pêlo chamuscado impregnou o ar. O barulho fez com que o círculo de olhos se movesse inquietos, por uns instantes, e recuasse mesmo um pouco, mas, quando os cães se aquietaram, acomodou-se de novo.

- Que pouca sorte não termos munições, Henry!

Bill acabara de fumar o seu cachimbo e estava ajudando o companheiro a estender a cama de peles e cobertores sobre os ramos de abetos, que tinham colocado sobre a neve, antes da ceia. Henry resmungou e começou a desatar os seus sapatos de pele.

- Quantos cartuchos disse que ainda restavam? - perguntou.

- Três - foi a resposta. - quem me dera ter trezentos. Então é que eu havia de fazer ver a esses malditos.

Sacudiu o punho, furioso, na direção dos olhos faiscantes e começou a pôr os sapatos diante do fogo, em lugar seguro.

- E quem me dera também que este frio abrandasse - continuou. - Há duas semanas que estamos com 5 graus abaixo de zero. E quem me dera também não ter empreendido esta viagem. Não está me agradando nada. Tenho um pressentimento qualquer. Que bom seria que esta viagem já tivesse acabado, e nós estivéssemos agora sentados à lareira do Forte McGurry jogando as cartas... Era isto o que desejava.

Henry resmungou e meteu-se na cama. Quando já cochilava foi despertado pela voz do camarada.

- Olha lá, Henry, aquele outro que se aproximou e comeu o peixe... porque é que os cães o não atacaram? É isto que não compreendo!

- Está preocupado demais, Bill - foi a resposta ensonada. - Nunca o vi assim. Cale-se e trate de dormir, e de manhã se sentirá outro. Tem azia, e é isso o que te faz ficar preocupado.

Os homens dormiam, respirando pesadamente, ao lado um do outro, debaixo do mesmo cobertor. O fogo apagou-se, e os olhos faiscantes apertaram o círculo que tinham formado em volta do acampamento. Os cães aconchegaram-se melhor uns aos outros, cheios de medo, e de vez em quando rosnavam ameaçadoramente, quando um par de olhos se aproximava mais. A certa altura o barulho que faziam acordou Bill. Saiu da cama cuidadosamente, para não perturbar o sono do camarada, e deitou mais lenha no fogo. Quando as chamas se elevaram, o círculo de olhos recuou.

O homem olhou casualmente para os cães, que se apertavam uns contra os outros. Esfregou os olhos e fixou-os neles com mais atenção. Depois tornou a meter-se dentro dos cobertores.

- Henry! - chamou. - Henry!

O interpelado grunhiu, ao acordar, e perguntou:

- Que temos mais?

- Nada! - foi a resposta. - Mas estão lá sete outra vez. Conte-os agora mesmo.

Henry recebeu a informação com uma resmungo, que se transformou num ronco, quando tornou a mergulhar no sono.

De manhã foi Henry que acordou primeiro e fez saltar o companheiro da cama. Faltavam ainda três horas para o dia romper, embora fossem já seis da manhã. No meio da escuridão começou a preparar o almoço, enquanto o companheiro enrolava os cobertores e aprontava o trenó.

-Olha lá, Henry -perguntou de súbito -, quantos cães disse que tínhamos?

- Seis.

- Está enganado - proclamou Bill triunfante.

- Sete outra vez? - inquiriu o outro.

- Não. Cinco. Falta um.

- Diabo - exclamou Henry enfurecido, abandonando o cozido para ir contar os cães.

- Tem razão, Bill - concordou - O Seboso desapareceu.

- E desapareceu como um raio. Nem os deve ter visto.

- Claro - concordou Henry. - Decerto engoliram-no vivo. Aposto que ainda gania, enquanto eles o estavam devorando. Malditos sejam!

- Sempre foi um cão estúpido! - disse Bill.

- Mas nenhum cão, por mais estúpido que seja, é capaz de cometer um suicídio destes.

- Contemplou os cães restantes com um olhar especulativo, que avaliava imediatamente as características principais de cada animal. - Aposto que nenhum dos outros o faria.

- Nem com um pau os conseguia afastar do fogo - concordou Bill. - Seja como for, sempre pensei que o Seboso tinha qualquer coisa esquisita.

E foi este o epitáfio de um cão que morreu na rota das regiões do norte - um epitáfio mais longo do que o de muitos outros cães, mais longo do que o de muitos homens...

CAPÍTULO 2 - A LOBA

Engolido o café da manhã e amarrado no trenó o reduzido equipamento, os homens voltaram as costas ao fogo alegre e lançaram-se pela escuridão adentro. Imediatamente começaram a ouvir os uivos, aqueles uivos ferozmente tristes - uivos que chamavam uns pelos outros, através da escuridão e do frio, e uns aos outros respondiam. A conversa cessou. O dia rompeu às nove horas. Ao meio-dia o céu, para sul, tornou-se rosado, marcando o lugar onde o bojo da terra se interpunha entre o Sol meridiano e o mundo setentrional. Mas o tom rosado depressa se desvaneceu. A luz cinzenta do dia que o substituiu durou até às três horas e depois desapareceu também. A mortalha da noite ártica desceu sobre a terra deserta e silenciosa.

Quando a noite caiu, os uivos que soavam da direita, da esquerda e da retaguarda, aproximaram-se mais - tanto que repetidas vezes o medo invadiu os cães que avançavam, fazendo com que o pânico se apoderasse deles.

Depois de um desses períodos de pânico, quando ele e Henry já tinham desatrelado os cães, Bill exclamou:

- Quem me dera que eles fossem caçar em outro lado e nos deixassem em paz!

- Acabam com dos nervos - concordou Henry.

Só voltaram a falar depois de armarem o acampamento.

Henry estava curvado acrescentando gelo à panela de feijões, que fervia, quando foi surpreendido pelo som de uma pancada, uma exclamação de Bill e um rosnado lancinante de dor, que partira de entre os cães. Endireitou-se a tempo de ver um vulto escuro desaparecer através da neve e acolher-se ao abrigo das trevas. Em seguida reparou em Bill, de pé, no meio da matilha, com ar meio triunfante, meio pesaroso, segurando numa das mãos um forte varapau e na outra o rabo e parte do corpo de um salmão curado.

- Levou metade - anunciou ele. - Mas dei-lhe com força, mesmo assim. Ouvio-o ganir?

- Como era ele? - perguntou

- Não consegui ver. Mas tinha quatro patas, uma boca e pêlo e parecia um cão.

- Deve ser um lobo domesticado, calculo eu.

- E deve estar bem domesticado, o maldito, para vir aqui à hora da comida apanhar o seu quinhão de peixe.

Nessa noite, quando a ceia terminou, e eles se sentaram sobre o caixão e puxaram dos cachimbos, o círculo de olhos faiscantes aproximou-se mais do que nunca.

- Quem me dera que eles descobrissem um rebanho de alces ou outra coisa qualquer e fossem embora, deixando-nos em paz - exclamou Bill.

Henry resmungou qualquer coisa com uma entonação que não era exatamente de concordância absoluta, e durante um quarto de hora continuaram sentados, em silêncio: Henry, fitando o fogo, e Bill, o círculo de olhos que brilhavam na escuridão, mesmo por trás da luz da fogueira.

- Quem me dera que estivéssemos agora entrando pelo Forte McGurry adentro - recomeçou Bill a dizer.

- Cale-se e acabe com os seus "quem me dera" e os seus agouros! - explodiu Henry, zangado.- Está com azia, e é isso que te causa mal-estar. Tome uma colher de soda e verá como fica mais bem disposto e se torna uma companhia mais agradável.

De manhã Henry foi acordado por uma torrente de blasfêmias que saíam da boca de Bill. Apoiou-se sobre o cotovelo e viu o camarada no meio dos cães, ao lado do fogo reabastecido, de braços erguidos, barafustando, o rosto contorcido de raiva.

- Olá! - chamou Henry. - que aconteceu agora?

- O Sapudo desapareceu - foi a resposta.

- Não pode ser.

- Estou dizendo que sim.

Henry saltou dos cobertores e aproximou-se dos cães. Contou-os cuidadosamente e depois se associou ao camarada nas pragas contra as forças infernais que lhes tinham roubado mais um cão.

- O Sapudo era o cão mais forte da matilha - disse Bill por fim.

- E não tinha nada de estúpido - acrescentou Henry.

E assim se inscreveu o segundo epitáfio, em dois dias.

Tomaram o café da manhã tristemente e atrelaram ao trenó os quatro cães restantes.

O dia foi uma repetição dos anteriores. Os homens caminhavam penosa e silenciosamente através da face do mundo gelado. O silêncio era quebrado apenas pelos uivos dos seus perseguidores, que, conservando-se invisíveis, vagueavam na retaguarda deles. No meio da tarde, com o cair da noite, os uivos soaram mais perto, à medida que os perseguidores se aproximavam, conforme era seu hábito. Os cães foram-se mostrando cada vez mais excitados e assustados e tinham períodos de pânico, durante os quais emaranhavam os tirantes, o que aumentava a depressão dos homens.

- Ora aí está! Isto vai obrigar-los a ficar quietos, estúpidos animais - disse nessa noite Bill com satisfação, após ter concluído o seu trabalho.

Henry abandonou os cozidos para ir ver o que se passava. O companheiro não só prendera os cães, como, conforme o costume dos índios, os amarrara a estacas. À volta do pescoço de cada um deles atara uma correia de couro, tão justa ao pescoço que os animais não conseguiam chegar-lhe com os dentes. A esta prendera uma sólida estaca de quatro ou cinco pés de comprimento. A outra extremidade da estaca, por sua vez, estava atada, também, por meio de uma correia de couro, a um poste espetado no chão. Assim, o cão não podia roer o couro na extremidade da estaca. Esta impedia-o de lá chegar. Henry abanou a cabeça aprovando.

- É a única coisa capaz de deter o Desorelhado - concluiu. - Com os dentes, ele consegue cortar o couro, como se fosse à faca, e em metade do tempo. Amanhã de manhã estão aqui todos.

- Aposto que sim - afirmou Bill. - Se algum deles faltar, não tomarei o meu café.

- Eles sabem que não temos munições para mata-los - comentou Henry à hora de se deitarem, indicando o círculo faiscante que os cercava. - Se pudéssemos meter-lhes um par de tiros na pele, se mostrariam mais respeitosos. Cada noite se aproximam mais. - Afaste os olhos da luz da fogueira e olhe bem... - Ali! Viu aquele?

Durante algum tempo os dois homens observaram os movimentos de formas vagas, na orla da luz do fogo. Olhando fixamente para o lugar onde, na escuridão, brilhava um par de olhos, o corpo do animal tomava forma lentamente. Por vezes conseguiam até vê-lo mover-se.

Um barulho vindo do grupo dos cães atraiu a atenção dos homens. O Desorelhado soltava ganidos breves e ansiosos, fazendo arremetidas direto à

escuridão, de vez em quando desistia para, com os dentes, atacar desesperadamente a estaca.

- Repare naquilo, Bill - segredou

Bem iluminado pela luz da fogueira, com um movimento lateral e furtivo, deslizava um animal semelhante a um cão. O Desorelhado puxava a estaca em todo o seu comprimento, na direção do intruso, e gania desesperadamente.

- Aquele estúpido do Desorelhado não parece ter medo - disse Bill em voz baixa.

- É uma loba - sussurrou Henry em resposta. - E isso explica o procedimento do Seboso e do Sapudo. Ela serve de engodo para a alcatéia. Atrai os cães para longe e depois os restantes caem-lhe em cima e devoram-nos.

O fogo crepitou. Um cepo tombou com grande barulho. A este som o estranho animal recuou com um salto para a escuridão.

- Henry, tenho estado pensando - anunciou Bill.

- Pensando em quê?

- Pensando que foi neste que eu bati com o pau.

- Não tenho a menor dúvida - respondeu

- Não está certo - continuou Bill. - A familiaridade daquele animal com os acampamentos é suspeita e imoral.

- Não há dúvida que sabe mais do que um lobo respeitável deve saber - concordou Henry. - Um lobo que vem se juntar aos cães, na hora da comida, é porque tem experiência disso.

- O velho Villan teve uma vez um cão que fugiu com os lobos - cogitou Bill em voz alta.- Sei-o muito bem. Matei-o com um tiro, no meio da alcatéia, em Little Stick, numa pastagem de alces. O velho Villan chorou como uma criança. Já o não via há três anos, disse ele. Tinha andado com os lobos todo aquele tempo.

- Suponho que tem razão, Bill. Aquele lobo é um cão e muitas vezes comeu peixe da mão dos homens.

- Se eu tiver uma oportunidade, Seja lobo ou seja cão, morre - declarou Bill. - Não podemos perder mais animais.

- Mas só temos três cartuchos - objetou Henry.

- Esperarei por uma ocasião em que não possa errar o tiro - replicou Bill.

De manhã Henry renovou o fogo e preparou o café da manhã ao ritmo do ressonar do seu companheiro.

- Estavas dormindo tão bem - disse-lhe quando o chamou para o café da manhã - que não tive coragem de te acordar.

Bill começou a comer ainda ensonado. Reparou que a sua xícara estava vazia e tentou pegar a cafeteira. Mas esta se achava fora do alcance do seu braço, ao lado de Henry.

- Ouça, Henry - disse como que a ralhar-lhe suavemente -, não se esqueceu de alguma coisa?

O companheiro relanceou o olhar em volta e moveu negativamente a cabeça. Bill estendeu-lhe então a xícara vazia.

- Não tem café - anunciou

- Acabou? - perguntou o outro ansiosamente.

- Não.

- Pensa que me faz mal à digestão?

Uma onda de sangue coloriu o rosto zangado de Bill.

- Então explique depressa, porque o café está esfriando - disse.

- O Pernalta desapareceu - respondeu

Sem pressa, com o ar de alguém que se resigna à desgraça, Bill voltou a cabeça e, de onde estava, contou os cães.

- Como foi? perguntou apaticamente.

Henry encolheu os ombros.

- Não sei. A não ser que o Desorelhado lhe tivesse roído a correia e o soltasse. O certo é que ele próprio não podia ter feito.

- Maldito! - exclamou Bill grave e lentamente, sem que o tom de voz deixasse transparecer a raiva que o possuía. - Como não podia soltar a ele próprio, soltou o Pernalta.

- Bem, seja como for, os trabalhos do Pernalta acabaram. Aposto que já está digerido a estas horas e anda por aí aos saltos dentro da barriga de vinte lobos diferentes - foi o epitáfio de Henry para este último cão perdido.

- Toma lá café, Bill.

Mas este abanou a cabeça negativamente.

- Vamos, homem - insistiu Henry, erguendo a cafeteira.

Bill afastou a sua xícara.

- Que me enforcem, se o beber! Disse que não beberia, se desaparecesse algum cão, e não beberei.

- Está esplêndido - tornou-lhe Henry tentadoramente.

Mas Bill era teimoso e tomou um café da manhã seco, empurrado com maldições resmungadas contra o Desorelhado, por causa da peça que lhe pregara.

- Esta noite vou prendê-los longe uns dos outros - declarou, quando retomaram o caminho.

Tinham percorrido pouco mais de cem metros, quando Henry, que seguia à frente, se abaixou para apanhar qualquer coisa contra a qual o seu sapato chocara. Estava escuro, e ele não podia ver o que era, mas pelo tato soube do que se tratava.

- Talvez isso te faça arranjo - disse então, atirando para trás o objeto, que bateu no trenó e foi cair aos pés do companheiro.

Bill soltou uma exclamação. Era tudo que restava do Pernalta: a estaca à qual estivera preso.

- Eles devoraram-no com pele e tudo - declarou. - A estaca está limpa que nem um osso. Comeram o couro das duas patas. Estão esfomeados, Henry, e vão nos dar água pela barba antes de chegarmos ao fim da viagem.

Henry riu em ar de desafio.

- Nunca fui perseguido assim por lobos, mas já passei bocados piores e sempre me saí. Um punhado desses malditos animais não basta para dar cabo deste seu humilde criado, Bill, meu rapaz.

- Não sei, não sei - murmurou o camarada em tom sinistro.

- Pois ficará sabendo quando chegarmos ao Forte McGurry.

- Não me sinto muito animado - insistiu Bill.

- Você está é esgotado - afirmou Henry. - Precisa tomar quinino, e te darei uma boa dose dele, assim que chegarmos a McGurry.

Bill resmungou o seu descontentamento com o diagnóstico e remeteu-se ao silêncio. O dia foi igual aos outros. A luz rompeu às nove horas. Ao meio-dia o Sol invisível aqueceu o horizonte, a sul e depois principiou a tarde cinzenta e fria que,

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

